

## – Aniversário 84 anos –

Sermões aniversário 2021: “Lições para a igreja na pandemia.

Lição 2: Somos pecadores” (Is 6.1-8)

O tema que estamos abordando neste 84º aniversário da igreja é: Lições para a igreja na pandemia. No culto da manhã, o Rev. Devanir discorreu sobre a lição 1: somos pequenos, afirmando que a pandemia sublinhou nossa fragilidade e total dependência de Deus. Nesta noite, olharemos para a lição 2: somos pecadores. A pandemia evidenciou diferentes inclinações pecaminosas e nossa total necessidade de perdão e restauração divinas. Somos convidados a abris nossas Bíblias em Isaías 6.1-8.

1 No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchem o templo.

2 Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava.

3 E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

4 As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!

6 Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;

7 com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.

8 Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. *Isaías 6.1-8.*

## Iniciando...

Este capítulo documenta o chamado do profeta Isaías.<sup>1</sup> O v. 1 situa o acontecimento “no ano da morte do rei Uzias”, ou seja, em cerca de 740 a.C.<sup>2</sup> Em 2Crônicas 26.16-21, somos informados de que o rei Uzias foi acometido de lepra, ao tentar queimar incenso no altar, algo que só podia ser feito pelos sacerdotes da linhagem de Arão. Ele continuou leproso até morrer e os atos de sua vida foram transcritos para um livro, pelo profeta Isaías.

Pode ser dito que Isaías tinha bom relacionamento com o rei Uzias, apesar de Uzias ser um rei imperfeito. Sob este prisma, não seria incorreto cogitar que a morte de Uzias afetou Isaías. Podemos até imaginá-lo indo ao templo, cabisbaixo e entristecido pelo falecimento de seu amigo rei.

O que Isaías não sabia é que, naquela ocasião, Deus iria surpreendê-lo. Deus deu uma experiência a Isaías. E aquela experiência mudou a vida dele. É claro que tal experiência foi singular. Nunca mais se repetiu com outra pessoa, nos mesmos detalhes e condições. Mesmo assim, é plausível afirmar que este relato de Isaías nos incentiva a buscar três coisas: Primeiro, nós precisamos contemplar a majestade de Deus (v. 1-3). Além disso, nós temos de nos arrepender e ser purificados por Deus (v. 4-7). Por fim, é imperativo que atendamos ao chamado de Deus (v. 8).

Vejamos nossa primeira necessidade.

---

<sup>1</sup> Para João Calvino, não se trata de referência ao chamado, mas simplesmente a uma experiência singular do profeta. “A tendência dos comentaristas mais antigos, talvez ecoando Calvino, foi tratar a experiência como uma ocorrência subsequente à vocação inicial de Isaías”; cf. OSWALT, John. *Isaías*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1, p. 218. (Comentários do Antigo Testamento). Logos Software.

<sup>2</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2ª ed. [BEG<sup>2</sup>]. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblia do Brasil, 2009, nota 6.1, p. 893.

# I. Contemplar a majestade de Deus

Percebamos que Deus privilegiou Isaías com uma “visão” (v. 1a):

No ano da morte do rei Uzias, eu vi [...].

De acordo com Números 12.6, este ato — de Deus revelar-se por visão —, inclui Isaías no rol dos profetas. E a visão de Isaías foi admirável, pelas seguintes razões: Deus revelou-se como “o Senhor” (v. 1b), tradução de *Adonay*, que sublinha **Deus como Altíssimo Soberano**.<sup>3</sup> Naquela ocasião, Deus revelou-se cheio de majestade: “assentado sobre um alto e sublime trono” (v. 1c) [a NVI traduz: “num trono alto e exaltado”].<sup>4</sup> A ARC diz que “o seu séquito” (os integrantes celestiais da corte divina) “enchiam o templo” (v. 1d).<sup>5</sup> A ARA e outras versões afirmam que **as abas das vestimentas — ou do manto real de Deus — enchiam o santuário**.<sup>6</sup> Toda esta linguagem comunica distância, grandeza e elevação.

Se isso não bastasse, o trono de Deus é descrito como sendo rodeado por seres espirituais impressionantes, chamados de “serafins”: “Serafins estavam por cima dele” (v. 2a).

2a Serafins estavam por cima dele [...].

---

<sup>3</sup> O termo hebraico é *ʾā-dôn*; “o Senhor que governa”; cf. THOMAS, Robert L. *New American Standard Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries: Updated Edition*. Anaheim: Foundation Publications, Inc., 1998. Logos Software. Daí a tradução de Oswalt: “Foi no ano da morte do rei Uzias que eu vi o Soberano assentado em um trono”; cf. OSWALT, op. cit., p. 217.

<sup>4</sup> NVI: Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional.

<sup>5</sup> ARC: Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida.

<sup>6</sup> ARA: Almeida Revista e Atualizada. A dificuldade de tradução se dá pelo pouco uso do substantivo *šûl*; cujo sentido mais provável é o de “saia (de um manto)”; “bainha do manto”; cf. THOMAS, op. cit. loc. cit. Oswalt nos ajuda a entender que a imagem é simbólica, comunicando a ideia de exaltação de Deus: “Como em Êxodo 24.10, onde se descreve o pavimento sob os pés de Deus, assim aqui a descrição da aparição de Deus não pode ser mais elevada do que a orla de seu manto. É como se as palavras perdessem o sentido quando alguém tenta descrever Deus. Quando pressionamos os anciãos de Israel, eles nos dizem quão azul era o pavimento sob os pés de Deus; quando pressionamos Isaías, ele nos diz quão imenso era o manto de Deus. Foi o manto que encheu o templo? Não, foi Deus. A consequência é clara. Há uma barreira além da qual o mero curioso não pode penetrar. A experiência é tão pessoal, tão espantosa, demasiadamente abrangente para uma mera reportagem. Cada um de nós aspira ter a própria experiência da presença dele” (OSWALT, op. cit., p. 226).

Estes seres só aparecem aqui, nesta visão, e não são mencionados em nenhuma outra parte da Bíblia.<sup>7</sup> Sua aparência e movimentação são distintas (v. 2b):

[...] cada um tinha seis asas:  
com duas cobria o rosto,  
com duas cobria os seus pés e com duas voava.

O ato de cobrir-se pode ser entendido como demonstração de respeito reverente, ante o Deus majestoso. O motivo da reverência aparece no v. 3. Deus é triplamente santo. E Deus é glorioso.

E clamavam uns para os outros, dizendo:  
Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos;  
toda a terra está cheia da sua glória.

Ridderbos está correto, quando diz que “a santidade de Deus [...] indica que ele é separado do mundo pecaminoso”.<sup>8</sup> A tripla repetição de “Santo”, estabelece Isaías 6.3 como passagem-chave para as liturgias da Sinagoga e da Igreja Cristã — na liturgia gregoriana, antes da Ceia, os cristãos cantam um Hino intitulado *Sanctus*, baseado em Isaías 6.3.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> “O profeta falou deles como se fossem seres espirituais bastante familiares, o que parece um pouco curioso, visto que não são mencionados em nenhum outro lugar. [...] O máximo que pode ser dito da evidência disponível é que eles eram entidades espirituais exaltadas que estavam constantemente ocupadas no louvor e adoração a Deus” (ELWELL, Walter A.; BEITZEL, Barry J. “Seraph, Seraphim”. In: *Baker Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Baker Book House, 1988, p. 1926–1927. Logos Software). Oswalt (op. cit., p. 227) esclarece que o termo “serafins” (heb. *šerāpîm*) aparece em outras partes da Bíblia referindo-se “a serpentes (Nm 21.6; Is 14.29; 30.6), alguns estudiosos acreditam que sua aparência se assemelhava à de serpente ou dragão. Não obstante, o significado primordial do termo pode ser “abrasador” (assim Nm 21.6), de modo que o nome da serpente é meramente derivativo (referindo-se à sua picada), e o uso do termo para os seres ministrantes indicaria que eram “abrasadores”. Não há razão para se descartar automaticamente qualquer uma dessas possibilidades. Figuras compostas são conhecidas desde o mais remoto Oriente Próximo, e embora nenhuma seja até então atestada em Israel, é possível que se fizesse uso delas. Esses seres misteriosos e espantosos seriam plenamente apropriados nessa sorte de visão. Em contrapartida, o fogo é por toda parte associado à santidade de Deus (Êx 3.1–6; 13.21; 19.18; Lv 10.1,2; Nm 11.1,2; 1Rs 18.24; Is 6.6,7), de modo que seria inteiramente apropriado que aqueles que declaram essa santidade (v. 3) tivessem a aparência de ‘chama’”.

<sup>8</sup> RIDDERBOS, J. *Isaías: Introdução e Comentário*. 2ª ed. Reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 94. (Cultura Bíblica).

<sup>9</sup> JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana*. 5ª ed. corrigida. São Paulo: Paulus, 2008, p. 35; HUSTAD, Donald. *Jubilate! A Música na*

O título “SENHOR [YHWH] dos Exércitos” identifica Deus como “guerreiro”, que rege as tropas da terra e do céu.<sup>10</sup> Quanto à glória de Deus, devemos entendê-la como “a refulgência da plenitude dos seus atributos”.<sup>11</sup>

Trocando em miúdos, Isaías contemplou a majestade de Deus. Nós também seríamos beneficiados ao contemplar esta majestade. Tal experiência deveria ser desejada e buscada por cada um de nós.

Em segundo lugar, cada um de nós precisa...

## II. Arrepende-se e ser purificado por Deus

O v. 4 serve de dobradiça, entre o primeiro e o segundo ensinamentos:

As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

Tal experiência evoca a ideia de juízo de Deus. E ela será desdobrada ainda no final deste capítulo, bem como no restante do livro de Isaías (cf. Is 6.9-12). O Deus três vezes santo é de verdade. Se os serafins não podem contemplá-lo, muito menos nós. Este SENHOR dos Exércitos, julgará os pecadores. Daí a constatação consternada de Isaías, no v. 5. Depois de olhar para Deus, Isaías olha para si e para seu povo. Como judeu consciente, Isaías sabe que um pecador não pode contemplar ao Deus Santo e continuar vivendo.

5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! [ARC: “vou perecendo”; KJA: ““Ai de mim, não tenho salvação!”]<sup>12</sup>  
Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de

---

*Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 109. De acordo com Oswalt (op. cit., p. 229-230), estamos diante da “forma mais forte do superlativo em hebraico. Seu uso aqui indica que o Deus de Israel é o mais ‘divino’ de todos os deuses”.

<sup>10</sup> BEG<sup>2</sup>, nota 1.9, p. 887.

<sup>11</sup> RIDDERBOS, op. cit., loc. cit.

<sup>12</sup> KJA: Bíblia Sagrada: King James Atualizada.

*um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei,  
o SENHOR dos Exércitos!*

A esta tomada de consciência, nós podemos chamar de “arrependimento”. Ao ser agraciado com arrependimento, e expressar isso diante de Deus, Isaías foi contemplado com purificação (v. 6-7).

*Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.*

Notemos que a purificação para os pecados de Isaías foi divinamente providenciada. A purificação do pecado de Isaías teve a ver com uma brasa tirada do altar — o lugar do sacrifício. Deus tocou naquilo que era impuro em Isaías — seus lábios — porque Deus queria usar a boca de Isaías para sua glória, como profeta do evangelho.

Em suma, depois de contemplar a majestade divina, Isaías se arrependeu e foi purificado. A pandemia tornou evidenciou diferentes inclinações pecaminosas e nossa total necessidade de perdão e restauração divinas. Nós também, nesta celebração dos 84 anos de igreja, precisamos de arrependimento e purificação.

Mas não apenas isso. Em terceiro e último lugar, é vital a cada um de nós...

### **III. Atender ao chamado de Deus**

A purificação precedeu o chamado — a vocação para fazer algo para Deus (8a).

*Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?*

Isaías respondeu ao chamado afirmativamente, de todo coração: “Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim” (8b). O final do v. é enfático: “Envia-me!”. E você já deve ter ouvido esta aplicação antiga, de que somos afeitos a pedir para Deus enviar os outros, mas nem sempre estamos dispostos a dizer a Deus: “Envia-me!”

Existe sofrimento em meio à pandemia — mas não apenas o meu sofrimento; não apenas o seu sofrimento; não apenas o incômodo e sofrimento de nossa igreja. Vamos parar para pensar: se aqueles que conhecem Jesus Cristo estão sofrendo agora, quanto mais as pessoas que não o conhecem? Qual o tamanho do sofrimento de meu vizinho? Ou de meu parente distante? Ou de meu colega de trabalho? Nós já paramos para pensar no sofrimento das outras pessoas — nesta pandemia?

Nesta pandemia, o que Deus está perguntando?

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? (8a).

Deus já nos revelou sua majestade. Deus já perdoou nossos pecados. Agora, ele nos chama a fazer algo para ele — hoje, agora, nesta semana, em plena pandemia. Quem sabe, uma mensagem por aplicativo. Quem sabe, um telefonema. Quem sabe, o envio de um presente ou lembrança. Quem sabe, uma ação pequena, de ajuda sincera: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?”.

Nós temos algo a fazer, mais do que nos assustar e mais do que reclamar. Nós temos algo a fazer — para o bem das pessoas e para a glória de Deus. Nós temos de atender a este chamado de Deus.

E é assim que terminamos, percebendo nossa necessidade de contemplar a majestade divina, nos arrepender e receber purificação e atender ao chamado divino, para servir neste mundo sofrido.

## Concluindo...

[1] Nós ficamos naturalmente impressionados com grandeza e majestade: grandes realizações; grandes empreendimentos; riqueza e beleza. Mas nada se iguala à majestade de Deus. Nada é capaz de mudar a vida para a eternidade, senão a contemplação da majestade de Deus. E Deus revela sua majestade — santidade e glória — a nós hoje, por meio de Jesus Cristo, tal como lemos em 2Coríntios 4.6:

*Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.*

De fato, João diz que a glória que Isaías viu — e descreveu neste capítulo — foi a glória de Cristo: “Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito” (Jo 12.41). Em outro lugar, o mesmo evangelista assegura que “ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1.18). E o próprio Senhor Jesus Cristo afirma: “E quem me vê a mim vê aquele que me enviou” (Jo 12.45). Mais do que nunca, precisamos nos maravilhar com Cristo. Nos deixar impressionar com a grande e sublimidade de Cristo.

[2] E se dizemos que o conhecemos, devemos lamentar nosso estado de imperfeição; chorar por nossos pecados; clamar por graça dispensada como perdão e purificação — para que estejamos aptos para ser úteis nas mãos de nosso Redentor. Mas não há arrependimento sem humilhação. Daí a palavra de Tiago 4.10: “Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará”. Nos tempos atuais, enquanto sofremos sob esta pandemia, é comum evangélicos demonstrarem empáfia; e de vez em quando eu vejo pastores na mídia, decretando bênçãos para o Brasil, transbordantes de suposta autoridade espiritual, quando a necessidade mais urgente da igreja é de humilhação e arrependimento. Menos empáfia e mais humildade. O tempo não para lançar-se a disputas infantis, e sim,



para prostrar-se diante de Deus e nos reconhecer como pecadores que carecem de sua graça e restauração.

[3] Por fim, temos de abraçar o chamado para a servir a Cristo neste mundo. Fazer nosso, de forma prática, aquilo que cantamos no Hino Igreja Militante (*Novo Cântico* n° 300):

Quero receber teu jugo  
e em teus passos caminhar!  
Se por ti eu sofro tudo,  
vou contigo em paz reinar.

Que seja assim. Vamos orar.